



REVISTA BRASILEIRA DE PESQUISA EM TURISMO

EDITORIAL

Dando continuidade ao volume publicado no primeiro semestre deste ano, apresentamos com renovado entusiasmo o segundo número de 2011 da Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo (RBTur), não apenas por se tratar de uma publicação que antecede o evento anual da entidade mantenedora da Revista, o VIII Seminário da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo – principal oportunidade para o encontro, em âmbito nacional, dos pesquisadores da área (muitos deles autores de diversos textos já publicados pela RBTur) – mas acima de tudo pela qualidade dos textos que ora se tornam disponíveis para a comunidade acadêmica.

Neste sentido, iniciamos este número com o texto de Gabrielli que, ao “trazer à discussão algumas questões sobre o relacionamento entre o mercado turístico e o comércio sexual na cidade de Salvador”, nos oferece mais elementos para pensarmos uma das questões mais polêmicas (e, possivelmente por isto, muitas vezes ignorada) – desde muito tempo (desde sempre?) vinculada à prática turística. A autora, baseada em estudos de campo (aqui marcados por alguns depoimentos das entrevistadas) e em rica bibliografia, nos permite ver tais questões referentes à prostituição feminina heterossexual ocorrida na capital baiana sob diversos ângulos, possibilitando uma reflexão que pode, certamente, ir além do caso de Salvador.

Ainda tendo os elementos socioculturais (e econômicos, evidentemente – ainda que estes apareçam sem segundo plano) do fenômeno turístico como fios condutores de outras contribuições deste número, destacamos os três textos seguintes que se aproximam, também, por destacarem propostas que passaram, recentemente, a merecer a atenção de pesquisadores brasileiros e

estrangeiros (ainda que suas práticas, em alguns casos, não sejam exatamente novas): é o caso, por exemplo, do texto da renomada pesquisadora Bianca Freire-Medeiros (com diversas publicações sobre o tema do turismo em favelas) e das co-autoras Fernanda Nunes e Lívia Campello, que “nos desafia a repensar o que tem sido dito sobre as relações entre fotografia e práticas turísticas” a partir da documentação fotográfica do contato entre crianças moradoras de uma favela da cidade do Rio de Janeiro e três jovens estrangeiras, praticantes de turismo voluntário (ou “volunturistas”). Nas palavras das autoras, esta forma de turismo “é capaz de provocar emoções e vínculos de afeto que raramente emergem em outras formas de turismo” – situação que se mostrou presente, inclusive, nos relacionamentos estabelecidos a partir de então entre as autoras e os sujeitos da pesquisa.

Também pouco comum – pelo menos no mercado de turismo “convencional” – é a prática apresentada por Daiane Alencar da Silva e Edvaldo Cesar Moretti, ocorrida no assentamento rural Sul Bonito (Itaquiraí/MS), formado por 421 famílias. Ao contrário do que se poderia esperar de tal situação (envolvimento comunitário), os autores destacam que “a tomada de decisões sobre o turismo no assentamento parte do poder público local [...] a partir da privatização, com incentivos para a construção de hotel na área urbana de Itaquiraí e a terceirização do uso da Praia da Amizade [...]”. Por outro lado, a partir de entrevistas com moradores do assentamento, notam que há uma mobilização, por parte dos assentados, de resistência ao processo ora desencadeado – que, segundo eles, “apontam para a necessidade de repensar o modelo de turismo imposto”.

Já André Perinotto e Anna Karolina dos Santos se propõem a tratar das questões socioculturais do Turismo sob a perspectiva do “[...] patrimônio histórico, sua relação com o turismo e com a população local, de forma a discutir o aparente descaso em relação à situação atual do centro histórico de Parnaíba”. Os autores valem-se de diversos métodos e técnicas de pesquisa para analisar a sensibilização e o “[...] reconhecimento cultural da população

parnaibana em relação à importância histórica e turística do Porto das Barcas”, um conjunto de armazéns construídos em Parnaíba/PI em meados do século XVIII. Após manejar a bibliografia pertinente ao tema e os relatos obtidos, destacam a situação paradoxal vivida pelo Porto das Barcas: trata-se de um importante bem histórico da localidade onde está inserido que se encontra em um “doloroso processo de abandono” – para agravar tal situação, a população parece não interagir com a área, mostrando-se passiva (passividade, esta, agravada pela atuação da iniciativa privada e do poder público). Por fim, os autores apresentam algumas propostas que poderiam contribuir para alterar o cenário descrito.

Outro grande tema presente com frequência na RBTur – uma vez que não pode, mesmo, ser ignorado – é o da formulação, implantação e gestão de políticas públicas de Turismo; e, neste número, temos, também, três artigos que, ao abordarem este tema, apresentam pontos de contato entre si.

O primeiro deles é o de Álvaro Luiz Machado e Edegar Luis Tomazzoni, que analisam os processos de regionalização turística (tônica da gestão pública do turismo dos últimos oito anos) ocorridos no estado do Rio Grande do Sul, “[...] e as características da determinação dos espaços turísticos regionalizados, com base em conceitos de espaço, território, regionalidade e centralidade”. A pesquisa que originou o texto, de caráter exploratória e qualitativa, consistiu também na investigação e compilação de informações de arquivos da Secretaria de Estado do Turismo do referido Estado, permitindo a visualização das diversas fases pelas quais tal processo se deu e a formulação de diversos questionamentos e críticas quanto a tais processos – muitas vezes muito mais políticos do que técnicos (o que não chega a ser novidade, já que se trata de uma “exclusividade” do Turismo). Os autores, por fim, abrem caminhos para novas pesquisas neste campo, que poderiam expandir a compreensão sobre os processos por eles descritos e analisados.

De forma próxima sob vários aspectos, Claudio Quintana descreve o processo de “turistificação” do Centro Termal Guaviyú (Uruguai) que, a

exemplo do ocorrido no Rio Grande do Sul, contou com intenso direcionamento governamental – ou seja, não apenas a abordagem territorial apresenta semelhanças, como também os resultados práticos obtidos a partir das ações do poder público. A partir de uma bibliografia que estabelece um diálogo entre autores de língua portuguesa e espanhola, o autor conclui que “o papel das administrações públicas do Turismo condicionou fortemente a dinâmica e evolução do Centro Termal Guaviyú”, tendo constituído un fator-chave de desenvolvimento histórico e espacial do turismo no Centro, caracterizado por “[...] estruturas urbanas fordistas e equipamentos orientados ao recreativo-passivo [...]”.

Por fim, em documento especial, Noemí Wallingre aborda, sob uma perspectiva sistêmica o desenvolvimento de outro destino latino-americano – trata-se da cidade de San José, província de Entre Rios (Argentina), que foi estudada entre os anos 2004 e 2009. Segundo a autora, “procurou-se analisar o impacto socioeconômico que a atividade produziu relacionado à geração de empregos, novos empreendimentos e no investimento em serviços e infraestrutura”. Ao mostrar os aspectos favoráveis e desfavoráveis deste desenvolvimento, conclui que não há dúvidas sobre a incorporação de alguns dos eixos orientadores do enfoque do desenvolvimento local.

Como também tem sido uma prática constante por parte do corpo editorial da RBTur, temos estimulado a produção de crônicas de eventos e resenhas de livros, com o objetivo de disseminar o conhecimento que fica, por vezes, restrito a alguns poucos pesquisadores mais engajados em determinadas atividades – é, pois, em função disto que inserimos aqui o relato de Margarita Barretto sobre a IX Reunião de Antropologia do Mercosul e a síntese da obra “Perda Total”, de Ivan Sant’Anna, elaborada por Luiz Gonzaga Godoi Trigo.

Barretto, ao comentar, sobre o evento ocorrido em julho último, destaca que o Turismo teve lugar privilegiado em dois momentos (em uma mesa redonda e em um grupo de trabalho), ocasiões em que os participantes

puderam conhecer diversas experiências de estudos que exploram as interfaces entre a Antropologia e o Turismo, e conclui que tais estudos não comportam mais alguns dos paradigmas predominantes nos anos 1980 e 1990, exigindo uma revisão dos conceitos necessários à apreensão das complexas relações que perpassam e são perpassadas pelo Turismo.

Já Trigo dedica-se a sintetizar uma obra que trata de um tema que lhe é caro e que tem feito parte de suas reflexões e críticas desde os anos 1990: a aviação comercial brasileira e os recentes acontecimentos trágicos a ela ligados. Trigo nos convida à leitura (e à crítica) ao afirmar que os livros de Sant'Anna (dentre eles a obra supramencionada) "são fundamentais para se entender um pouco da história que levou ao caos aéreo no Brasil".

Alguns destes textos trazem à tona questões já muito presentes na produção acadêmica internacional, agora à luz das realidades do Brasil e da América Latina, oferecendo oportunidades para um olhar cada vez mais crítico do Turismo nestes países – visão que se faz particularmente necessária quando vemos a forma como a área vem sido tratada (sobretudo pelo poder público brasileiro), atraindo a atenção não para as potencialidades que dele podem advir (como as destacadas por alguns dos autores deste número), mas sim para uma situação de afronta a toda sociedade brasileira, como a destacada pela imprensa brasileira e internacional recentemente.

Marcelo Vilela de Almeida

Editor-Gerente